

Educação de Jovens e Adultos, Cultura e Arte:

Entrelaçando Saberes

Ana Paula Cordeiro

Laís Marques Barbosa

Francisane Nayare de Oliveira Maia

Como citar: CORDEIRO, A. P.; BARBOSA, L. M. B.; MAIA, F. N. O. Educação de Jovens e Adultos, Cultura e Arte: Entrelaçando Saberes. *In:* MIGUEL, J. C. **Educação de jovens e adultos:** diversidade, inclusão e conscientização. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 71-92.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-134-8.p71-92>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Educação de Jovens e Adultos, Cultura e Arte: Entrelaçando Saberes

*Ana Paula Cordeiro*³

*Laís Marques Barbosa*⁴

*Francisane Nayare de Oliveira Maia*⁵

Introdução

*[...] Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu seio o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estuda [...].
(ASSARÉ, [1978])*

Falar sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) é falar sobre possibilidades e impossibilidades. É falar sobre lutas, desigualdades, esperanças e vidas que se cruzam entre a juventude e a maturidade. O Brasil

³ Professora Assistente Doutora na Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Marília-SP, Brasil. Docente do Departamento de Didática e da Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Sociologia-Profso, na FFC. E-mail: napcordeiro@marilia.unesp.br. ORCID: 0000-0002-6642-0011.

⁴ Mestranda em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Marília-SP, Brasil. E-mail: laais.marques@outlook.com. ORCID: 0000-0003-4864-5919.

⁵ Doutoranda em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Marília-SP, Brasil. E-mail: framaia23@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2752-2437.

é um país de desigualdades gritantes. A muitos foram negados os direitos mais básicos, como o acesso à saúde, infraestrutura e educação no tempo considerado adequado pela sociedade. A EJA, nesse sentido, visa trazer no campo educacional o oferecimento de Educação Básica a jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar ou concluir os estudos na infância e adolescência, em classes regulares, num tempo estipulado em leis, pelos mais diversos motivos. Um desses motivos, e talvez o principal, seja a enorme desigualdade social de nosso país, onde muitos homens e mulheres precisam trabalhar muito cedo ou não possuem condições financeiras para poderem continuar os estudos em tempo regular. São homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que de alguma forma foram alijados de possibilidades, recursos e motivação para levarem a cabo a tarefa de estudar e até mesmo alfabetizar-se.

Quando se pensa em EJA é necessário pensar em histórias de vidas, cultura, trocas, pois os estudantes da EJA possuem vivências de trabalho, famílias, filhos e muito a compartilhar. Em momentos de conversas, aulas e interação é possível conhecer essas histórias, saber o que motiva cada pessoa a lutar, a continuar, a ter sonhos e a buscar realizações que estão, em boa parte das vezes, para muito além de motivos financeiros ou de trabalho. São histórias preciosas, teias de relações, culturas, saberes e Arte. Cultura e Arte: alimentos da vida!

Isso posto, o presente texto visa a entrelaçar saberes sobre EJA, cultura e Arte. Como a Cultura e especificamente a Arte podem ser trabalhadas na EJA? Como podem auxiliar aprendizados e trazer à tona histórias de vida? Quais as possibilidades que linguagens artísticas como o teatro podem oferecer a alunos e alunas de EJA? Estas são algumas questões que suscitam as respostas apresentadas aqui. EJA, Cultura, Arte, imagens, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal: saberes, relações humanas, histórias, possibilidades...

EJA: um início de conversa

A educação básica no Brasil é considerada obrigatória da infância até a adolescência, e abrange mais especificamente da Educação Infantil ao Ensino Médio (BRASIL, 2013). Apesar disso, nem sempre as pessoas têm efetivamente a oportunidade de estudarem nesse tempo estipulado e regulamentado em leis e, em virtude disso, surgiu a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que teve uma trajetória histórica de ações descontínuas, a qual muitas vezes não foi caracterizada como escolarização, mas que, por meio da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000b), passou a ser caracterizada como modalidade da educação básica. Desse modo, no Parecer do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2000a, p. 5), a EJA emerge como uma resposta a “[...] dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura de bens sociais, na escola ou fora dela [...]”, para ofertar gratuitamente aos jovens e adultos, em qualquer época da vida, os estudos correspondentes a Educação Básica, mais especificamente do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, como disposto no Art. 37 (BRASIL, 2018, p. 1) e nos seus parágrafos 1º e 2º (BRASIL, 1996, p. 5), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular,

oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Tal oferta, contudo, não deve ser vista como um “favor” do Estado, mas como um direito previsto em lei para, assim, tirar “[...] a ideia de compensação substituindo-a pelas de reparação e equidade” (BRASIL, 2000a, p. 61). Ou seja, a EJA, além de um direito, configura-se também como um grande passo para a inserção e a participação mais igualitária, ativa e consciente das pessoas dentro da sociedade em que vivem. Desse modo, a legislação insere a EJA como um dos direitos humanos fundamentais (MIGUEL, 2011).

Diante disso, a EJA implica necessidades muito particulares, a fim de contribuir efetivamente com o desenvolvimento dos seus sujeitos, para além do simples ler e escrever palavras e números. De acordo com Miguel (2011), os processos de EJA devem envolver um trabalho na escola com base no conhecimento do aluno como sujeito pensante, no conhecimento das teorias de educação e de metodologias de ensino, no exercício da prática escolar e na capacitação como investigador, na busca de ruptura com práticas pedagógicas e políticas públicas inadequadas.

Frente a uma provável diversidade de motivações para a EJA, os educadores precisam estar muito atentos para realizar um trabalho pedagógico em consonância com as especificidades da EJA, a fim de que o processo de ensino e aprendizagem sejam significativos, ou seja, que contribuam para a vida, como um todo, desses estudantes, para que, efetivamente:

[...] a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer cultura e a história (FREIRE, 1980, p. 39).

Assim, dentre as mais diversas possibilidades de trabalho para desenvolver o sujeito/aluno nas suas potencialidades, abordaremos, a partir de agora, a importância da cultura e da arte na EJA, para a promoção de um desenvolvimento integral e libertador, que possibilite um (re)conhecimento de si, das necessidades e realizações mais assertivas no que tange à participação no mundo como um ser ativo e social, pois “[...] uma prática pedagógica em EJA deve ser marcada pelo desejo de contribuir, por meio da educação, para o processo de transformação de situações injustas, desumanas e de exclusão social” (MIGUEL, 2011, p. 188).

Cultura

Quando se diz que uma pessoa é “cultura” ou tem muita “cultura”, logo se imagina alguém com alto grau de escolaridade, que leu muitos livros, fez muitas viagens, conheceu muitos lugares, conhece diferentes línguas, etc. “Cultura”, nesse sentido, é vista como sinônimo de “ilustração” e “instrução”, mas este é apenas um dos significados da palavra. “Cultura”, no entanto, possui significados bem amplos, que abrangem as construções humanas como um todo, materiais e imateriais.

Assim sendo, com base em Brandão (2017), enquanto sujeito capaz de desenvolver o pensamento e a ação e membro de uma

coletividade, o ser humano tem a possibilidade de construir história e, junto a ela, a cultura, como um modo de se expressar e também de registrar certas características de determinado tempo. Se buscarmos os significados da palavra “Cultura” num dicionário podemos encontrar que Cultura é “[...] o conjunto de características humanas que são adquiridas, preservadas ou aprimoradas por meio da comunicação, da interação dos indivíduos na sociedade” (QUEIROZ, 2003, p. 76). Também são “[...] conhecimentos, técnicas, tradições, características de uma sociedade ou grupo. Civilização, progresso” (QUEIROZ, 2003, p. 76). E palavras como refinamento, elegância, ilustração, conhecimento, entre outras, também aparecem como sinônimas da palavra Cultura. Todos estes sentidos demonstram que cultura é termo amplo, que corresponde a um processo histórico de criação, de construções humanas e que aglutinam os elementos materiais e imateriais da sociedade.

Ademais, essas construções, ou seja, esse “[...] trabalho de transformar e significar o mundo equivale à vocação cultural que transforma e significa o próprio homem. E, mais do que uma prática coletiva, como em certas espécies de animais, ele é culturalmente social” (BRANDÃO, 2017, p. 393). Porém, infelizmente os bens culturais, devido à grande desigualdade social, não estão, em boa parte, disponíveis a todos. Conforme Mello (2009, p. 34)

[...] nossa sociedade está organizada de uma maneira muito perversa. Está organizada para garantir que uma minoria tome posse e usufrua do conjunto da cultura: da ciência, da tecnologia, das artes, enfim, daquilo que nossos antepassados vieram criando ao longo da história e, ao mesmo tempo, a maioria das pessoas tem que trabalhar muito para ganhar o mínimo. E essa maioria passa a vida tão ocupada em trabalhar para sobreviver que não tem tempo para aprender e formar as máximas capacidades, as máximas habilidades e as máximas aptidões. De um

modo geral, aprendemos a pensar que algumas pessoas têm dons e outros não têm. Isso não é verdade. É da natureza humana aprender os dons- as aptidões- mas, para isso, precisamos de tempo e de oportunidades para conviver com os objetos e com as pessoas, para viver as experiências que nos ensinam os dons.

Em virtude disso, a construção e desenvolvimento da cultura se torna um fator que pode tanto ajudar a perpetuar a alienação das pessoas, como promover a liberdade e autonomia teórica e prática.

Por ser um aspecto desenvolvido em paralelo com e no decorrer da história, a cultura pode sofrer diversas influências, que perpassam a história, como as interações entre as pessoas e o ambiente em que vivem, pois o espaço como um todo, ainda que indiretamente, propicia, com frequência, aspectos que contribuem para a formação das perspectivas que o ser humano tem, e conseqüentemente, influencia o modo dele de fazer e de ver cultura; além das próprias interações entre as pessoas que, de uma forma mais direta ainda, acabam por ofertar, e às vezes até impor, pontos de vista, que assim como o meio, refletem no desenvolvimento da cultura. Assim, resumidamente,

As interações entre a pessoa humana e a natureza, assim como as que se realizam entre as pessoas umas com as outras – mediatizadas pela natureza através da cultura – não são somente sociais. Elas são socialmente históricas, e devido a uma dupla razão. Primeira: porque elas se constroem no interior do processo da história. Segunda: porque elas constroem a própria história, que não é outra coisa mais do que o trabalho humano destinado a criar e significar as diferentes dimensões de uma cultura, dentro e através da qual comunidades humanas habitam o “seu mundo” (BRANDÃO, 2017, p. 394).

Frente a essas influências, reside um grande aspecto da cultura, que é o de, a partir de Freire (1981), contar história com o intuito de marcar um posicionamento e desvelar as mazelas sociais. Todavia, para contribuir com a conscientização de terceiros, o ser humano precisa primeiro ter consciência social, histórica e política o que, apesar de difícil, não é impossível. E é aí, justamente, com base em Freire (1981), que entra a Educação, uma vez que quando ela está verdadeiramente carregada do compromisso com o desenvolvimento integral dos sujeitos, torna-se uma grande aliada da cultura, pela possibilidade de promover a criticidade e a autonomia, com práticas pedagógicas que sejam mais democráticas e que estimulem o olhar sensível e atento para os problemas da sociedade até então silenciados para que, assim, após essa tomada, ainda que lenta, de consciência, esses sujeitos possam efetivamente “denunciar” e dar voz às desigualdades e conflitos sociais, com o intuito de mudanças por meio de (re)construções teóricas e práticas.

Ainda que essa construção da cultura como uma forma consciente seja importante, ela, sem dúvidas, pode vir acarretada de muita resistência e crítica, uma vez que possivelmente não seja interessante para as partes dominantes e excludentes da sociedade, pois poderiam lhes tirar dessa posição vertical, na qual eles ficam em situação superior ao restante da população. Contudo, é aqui, com base em Freire (1981), que se encontra justamente a importância dessas partes mais oprimidas e prejudicadas conhecerem não só seus pontos fracos, como também a sua grande força.

Para Freire (1999) a cultura é essencial, não apenas para a alfabetização e leitura das palavras, mas para a leitura do mundo. Nesse sentido a Arte, vista como linguagem e campo de conhecimento capaz de unir razão e emoção, objetividade e subjetividade pode ser uma importante aliada e ferramenta para o aprendizado e tomada de consciência na EJA, como discutiremos a seguir.

Arte

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava história. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que ouvisse, não entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu que não participava do auditório imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos: que sempre parecem personagens de Lope da Vega. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outras dizem que essas coisas só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim (MEIRELES, 2016, p. 25-26).

Em “A arte de ser feliz”, exposto acima, Cecília Meireles fala sobre a importância do olhar e das possibilidades de ver muitas coisas por meio de “janelas” que se abrem para o mundo. Cores, vidas, amores, cuidados, idiomas diferentes, gestos, objetos, pessoas... Coisas aparentemente simples, mas que aos olhos de quem consegue “ver” se tornam reluzentes e enchem a vida de alegria. A poetisa, com sua sensibilidade tenta mostrar aquilo o que viu. Mas alerta que é preciso “aprender a olhar para vê-las assim”. E esse é o ponto! Arte se aprende e se constrói. É parte da cultura. Não é coisa “caída do céu”, que já nasce com as pessoas. A arte ensina a ver, a compreender, a olhar para o mundo, para a vida em sociedade de outra forma. Martins; Picosque e Guerra (1998) dirão que Arte é conhecimento, linguagem e que é necessário alfabetizar-se nas linguagens artísticas para melhor compreender o mundo. Essas ideias sobre Arte vão ao encontro do que Freire (1999) afirma sobre tomar consciência e tornar-se sujeito crítico, ultrapassando a consciência transitiva ingênua. Ainda conforme o referido autor, da intransitividade para a transitividade crítica há caminhos a percorrer. É preciso “ler” o mundo, para muito além da leitura das palavras.

A Arte pode, assim, ser conhecimento e linguagem que abre “janelas”, como propõe Cecília Meireles e que desponta leituras de mundo, como propõe Paulo Freire (1999). Arte, o que é? Em relação às definições, os dicionários são grandes aliados. No Dicionário de Filosofia (MORA, 1998) a Arte é definida em seu sentido mais amplo como “habilidade para fazer algo de acordo com certos métodos e modelos” e em sentido mais restrito como “belas Artes”, campo da Estética. E as duas definições possuem em comum a ideia de “fazer”, de caminho a percorrer para atingir uma finalidade.

Já para Canclini (1984, p. 207-8) a Arte pode ser definida como

[...] atividades ou aspectos de atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com o objetivo de alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou de uma classe social, em função de uma práxis transformadora.

Tais definições são importantes porque deixam claro que Arte não é coisa “caída do céu”, tampouco o artista um “iluminado” que ganhou dons ao nascer. Arte é trabalho humano, é conhecimento, é construção cultural, histórica. Desta forma, o ensino da Arte tem um papel fundamental na formação dos educandos da EJA, visto que possibilita a construção de uma consciência crítica e reflexiva ao estar articulada com a realidade em que vivem. Para tanto, faz-se necessário que o educador crie possibilidades para que, por meio da arte, os educandos possam analisar, questionar, criar e recriar um fazer artístico de forma dialética, que seja desvelador da realidade. Nesse sentido, Fischer (1971), salienta que a função da arte, numa sociedade complexa como a capitalista, é a de, por meio de um processo dialético de aproximação com o real, levar o homem a conhecer melhor o mundo. Segundo o autor, o homem cria e a Arte é

necessária para que ele possa compreender melhor a si e o mundo que o cerca. Já Martins, Picosque e Guerra (1998) afirmam que, sendo a Arte linguagem, ela deve levar o ser humano a refletir sobre seu papel no mundo.

Aqui entram as principais linguagens artísticas: artes visuais, música, dança e teatro. A perspectiva do ensino de Arte está ancorada, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte (BRASIL, 1997), no tripé “criação, apreciação e reflexão”. Criar, experimentar, apreciar e refletir sobre o que se vê e o que se cria sobre o mundo, são importantes atividades que fortalecem o escopo cultural das pessoas. Alunos de EJA criam cultura, fazem Arte, possuem ricas histórias de vida, mas muitas vezes, por contingências sociais, acabam acreditando que a cultura está nos livros e a Arte nos museus. Que uma peça teatral só acontece num teatro. A sociedade elege locais de “canonização” da Arte, da cultura, da educação. É preciso libertar as pessoas dessa ideia. Cultura é o que se cria, o que se constrói, o que se faz, o que se pensa. A Arte está nas ruas, nas casas, nas calçadas, nos muros, na vida pulsante e cheia de nuances de um mundo nada fácil de se compreender. As teias de relações sociais são complexas, a realidade não se dá pronta à compreensão humana. O poder da ideologia dominante domina mentes, opaciza contextos, confunde e embaralha o entendimento. Cabe à educação o papel de fazer ver, de elevar o ser humano culturalmente, de oferecer ricos contextos, debates, boas discussões e vivências enriquecedoras. Nesse sentido, a Arte na EJA é fundamental para o acesso aos bens culturais e na participação crítica dos alunos na sociedade. Para tanto:

Há que se caminhar para que a área de Arte seja trabalhada como área de conhecimento, com conteúdos próprios junto aos alunos da EJA, pela sua relevância no acesso aos bens culturais e na participação dos alunos na sociedade, por intermédio da arte. Portanto, ao se refletir

sobre o processo educativo, observa-se que as questões sociais da atualidade tratadas pelos temas transversais têm na Arte um campo privilegiado para seu desenvolvimento (BRASIL, 2002, p. 137).

Diante do exposto, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991) pode oferecer preciosas contribuições para um trabalho que desperte o senso crítico dos alunos da EJA, como mostraremos abaixo.

Tecendo Relações entre EJA, Cultura e Arte

Augusto Boal é considerado um dos maiores dramaturgos do Brasil. O idealizador do Teatro do Oprimido (1991) ficou conhecido mundialmente por suas ideias revolucionárias no campo da linguagem teatral. A premissa básica do Teatro do Oprimido é a de que todos nós somos capazes de atuar no palco, porque todos atuamos na vida.

Nesse sentido, para Boal (1979⁶ *apud* JAPIASSU, 2001, p. 43-44)

O teatro do oprimido consiste, basicamente, num conjunto de procedimentos de atuação teatral improvisada, com o objetivo de, em suas origens, transformar as tradicionais relações de produção material nas sociedades capitalistas pela conscientização política do público.

Não nascemos para ser simplesmente expectadores. Por meio do teatro é possível desenvolver o senso crítico e a conscientização/ação. Boal (1991) afirma que do canto ditirâmico, da procissão e da festa nasce o teatro. Mas a civilização foi separando atores de espectadores. O teatro

⁶ BOAL, A. **Técnicas latino-americanas de teatro popular**. São Paulo: Hucitec, 1979.

precisa resgatar, re-unir o que foi dividido. Ao discorrer sobre a história do teatro no ocidente, o referido autor ressalta que nem sempre o teatro leva à conscientização. Pelo contrário. O teatro pode ser importante instrumento de coerção e até de alienação. Passando pelo que ele chama de “sistema trágico-coercitivo de Aristóteles”, chegando a Bertolt Brecht até o Teatro do Oprimido, Boal (1991) nos mostra a diferença de um processo catártico para um processo de conscientização. A tragédia grega, segundo o autor, conformava. O teatro de Brecht conscientizava. O Teatro do Oprimido conscientiza e dá um passo além: leva à ação, tira as pessoas da situação de espectadoras e oferece os meios de produção teatral a toda e qualquer pessoa que deseje atuar, fazer teatro. Por meio de quatro etapas o espectador sai da posição de apreciador para a de ator conquistando o palco. As etapas são: “conhecimento do corpo”, que é a ferramenta básica e primordial do ator; “tornar o corpo expressivo”, por meio de exercícios teatrais; “o teatro como linguagem”, etapa que leva gradativamente os espectadores a subirem ao palco, e, a última etapa é “o teatro como discurso”, que consiste numa série de jogos e técnicas teatrais nas quais a palavra é peça chave para o desenvolvimento do ator (BOAL, 1991).

Por meio de exercícios, jogos e técnicas teatrais um mundo de opressões e contradições humanas é desvelado no palco, em histórias e situações postas pelos participantes. Situações de opressão e solução de problemas, evitando juízos de valor em termos de “certo e errado”, levam a uma tomada de consciência e da força que cada um tem na construção da cultura e do tecido social.

Há propostas em que os participantes interpretam as engrenagens de uma máquina, por exemplo. A sintonia dos corpos precisa ser grande para a máquina funcionar. Essa máquina pode ir se transformando. Ora vira máquina de amor, ora de guerra. Corpos ganham expressividade.

Vozes antes emudecidas interpretam o mundo, reconstroem, ganham espaço e ouvidos para serem ouvidas (BOAL, 2005).

O “teatro jornal”, parte das propostas da quarta etapa do Teatro do Oprimido - “o teatro como discurso” - consiste em repensar e ressignificar de várias formas notícias de jornal. Por meio de tais propostas, histórias de vida, anseios, indagações, temores, alegrias, tristezas e reflexões costumam emergir dos grupos. Na EJA tais propostas podem ser preciosas no sentido de unir ciência, Arte e cultura.

Durante os momentos teatrais em grupo, a ideia do teatro como um mecanismo importante para a tomada de consciência ocorre, dentro da proposta freireana dos “círculos de cultura”. Tanto o “Teatro do Oprimido” de Boal (1991) quanto a “Pedagogia do Oprimido” de Freire (1987) surgiram durante a Ditadura Militar de 1964 no Brasil. Momentos de grande repressão nos fazem pensar e refletir sobre formas de resistência. O contexto do surgimento das ideias é específico, mas a validade é grande e, enquanto houver opressão tais obras serão atuais.

EJA, Cultura e Arte: fios e teias, linguagens. Possibilidades de mudanças...

Considerações Finais

[...] A novidade era o máximo

Do paradoxo

Estendido na areia

Alguns a desejar

Seus beijos de deusa

Outros a desejar

Seu rabo prá ceia...

Oh! Mundo tão desigual

Tudo é tão desigual

Ô Ô Ô Ô Ô Ô Ô!

Oh! De um lado esse carnaval

De outro a fome total [...]

(GIL; VIANNA; BARONE, 2018 [1986])

A música “A novidade”, de Gilberto Gil trata das profundas desigualdades brasileiras apresentando a ideia de grupos distintos e suas necessidades diante de uma sereia, figura mítica. Para uns, ela é inspiração, Arte e poesia. Para outros, a possibilidade de matar a fome do estômago. Com os bens culturais ocorre o mesmo. Enquanto uns têm acesso a tudo, outros não tem a nada. Uns podem se “alimentar” dos mais variados bens culturais, enquanto outros só terão acesso às migalhas da indústria cultural que caem no chão. Por isso a escola precisa elevar a condição cultural de seus alunos, em especial dos alunos da EJA (LUCKESI, 2003). EJA, Cultura e Arte, saberes que se entrelaçam, áreas que se completam, diálogos que se delineiam. Para sairmos da consciência ingênua e chegarmos à consciência crítica (FREIRE, 1999) muito trabalho educacional precisa ser feito. Muitos caminhos precisam ser trilhados. Por meio da Arte como campo de conhecimento da Cultura, imagens, cânticos, danças, teatro

podem funcionar como elementos propulsores da mudança. Exercícios, jogos dramáticos e teatrais podem estimular o compartilhamento de histórias, de vivências, de sabedorias, de discussões em busca da solução de problemas coletivos. Vozes silenciadas podem ser ouvidas. E um canto se ergue em disparada, rumo à consciência crítica de um povo!

Prepare o seu coração
Pras coisas
Que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
A morte, o destino, tudo
Estava fora do lugar
E eu vivo pra consertar
Na boiada já fui boi,
Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo
Laço firme e braço forte
Muito gado e muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho

E boiadeiro era um rei
Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos
Que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei

Então não pude seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente
Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar
Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse o que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer mais longe
Do que eu

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte

Num reino que não tem rei
(VANDRÉ; BARROS, 1966)

Referências

ASSARÉ, P. O poeta da roça. **Letras**, [1978]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/872145/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRANDÃO, C. R. A educação como cultura. Memórias dos anos sessenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 377-407, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v23n49/0104-7183-ha-23-49-00377>. Acesso em: 01 nov. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 5, 1996. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1541965/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-23-12-1996>. Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 1, 2013. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/04/2013&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=120>. Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 1, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=07/03/2018&jornal=515&pagina=1&totalArquivos=144>. Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB n. 11/2000**. Brasília, MEC, 2000a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta Curricular para EJA – Segundo Seguimento Ensino Fundamental**. Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundo-seguimento/vol3_arte.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, MEC, 2000b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SE, 1997.

CANCLINI, N. G. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina.** São Paulo: Cultrix, 1984.

FISCHER, E. **A necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade.** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, G.; VIANNA, H.; BARONE, J. Gilberto Gil canta: “A Novidade”; música. **Rádio Peão Brasil**, 26 maio 2018 [1986]. Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/gilberto-gil-canta-a-novidade-musica>. Acesso em: 10 dez. 2020.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro.** 7 ed. Campinas: Papirus, 2001.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G., GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino de Arte: a língua do Mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MEIRELES, C. **Escolha o seu sonho.** 4 ed. São Paulo: Global, 2016.

MELLO, S. A. A construção da natureza humana na Educação de Jovens e Adultos. *In*: GIROTTTO, C. G. G. S.; MIGUEL, J. C. (Org.).

Abordagens Pedagógicas do Ensino de São Paulo. Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2009. p. 31-40.

MIGUEL, J. C. Educação de jovens e adultos: da teoria à prática. Resumo premiado no VI Seminário de Extensão Universitária de Marília. **Revista Ciência em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 188-189, 2011.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

QUEIROZ, T. D. **Dicionário prático de Pedagogia**. São Paulo: Rideel, 2003.

VANDRÉ, G.; BARROS, T. Disparada. **Letras**, 1966. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46166/>. Acesso em: 10 dez. 2020.